

O que dizem os professores orientadores de grupo teatral na escola: discursos revelados a partir de análise de enunciados do grupo de trabalho em rede – GTR.

Marcelo Cabarrão Santos

RESUMO:

O presente artigo busca compreender a partir dos enunciados de professores orientadores de grupos teatrais na escola, sua atuação e objetivos frente a um grupo teatral na escola, bem como, o ensino de teatro no processo educativo, na disciplina de Arte no currículo, seus contrastes e semelhanças. A presente pesquisa ocorreu no período de agosto a setembro de 2015, durante as atividades do Grupo de Trabalho em Rede – GTR, promovido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, como parte integrante das atividades do Programa de Desenvolvimento da Educação – PDE. Para esta pesquisa foram coletados e analisados os enunciados de três dos participantes do GTR. A ancoragem teórica para a presente análise foi desenvolvida a partir dos estudos de Mikhail Bakhtin e o Círculo, sobre a Análise Dialógica do Discurso – ADD, bem como, de teorias do campo de estudos do Teatro e do Teatro-Educação. Os resultados (parciais), destacados neste estudo, apontam na direção de uma maior promoção das atividades com grupos teatrais na escola, em caráter de ampliação das atividades curriculares na escola, pois de acordo com esta investigação, o grupo teatral na escola é um espaço privilegiado à construção de conhecimentos e apropriação dos conteúdos de teatro.

Palavras chave: grupo teatral na escola; Grupo de Trabalho em Rede (GTR); Análise Dialógica do Discurso (ADD).

1. Apresentação

Neste texto, apresento o processo e os resultados da análise dialógica de discurso, efetuada a partir do discurso de professores orientadores de grupos teatrais na escola, sobre sua atuação em atividades teatrais em projetos de contra turno, nas escolas estaduais de Educação Básica do Paraná, buscando compreender as práticas pedagógicas presentes nos processos de trabalho de um grupo de teatro na escola. Desta forma, este artigo apresenta o processo de análise dialógica do discurso (ADD), realizada a partir do corpus discursivo de professores participantes do processo de formação continuada denominado Grupo de Trabalho em Rede (GTR), atividade obrigatória do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED).

A coleta de dados para o processo investigativo foi realizada durante os meses de agosto e setembro de 2015, com professores participantes do GTR denominado: “Orientações ao

organizador de grupo teatral na escola”. O objetivo geral desta pesquisa foi conhecer o que dizem os professores de teatro na escola sobre sua atuação como orientadores de grupo teatral na escola, por meio de seus enunciados postados em um dos fóruns do GTR.

A teoria tomada como referência para a análise dos enunciados dos professores participantes é pautada nos estudos da Filosofia da Linguagem, a partir das contribuições de Mikhail Bakhtin, e o que se convencionou denominar de Bakhtin e o Círculo, especificamente seus desdobramentos em nosso país, que deram origem à teoria da Análise Dialógica do Discurso (ADD).

O presente artigo foi realizado na tentativa de apresentar como os discursos podem revelar os sentidos sobre os sujeitos da pesquisa, ou seja, os professores orientadores de grupos teatrais na escola pensam/ enunciam sobre suas práticas com teatro na disciplina de Arte no currículo escolar e em projetos de contra turno, com atividades com o Teatro, nas escolas onde atuam ou atuaram.

Este estudo está estruturado de maneira a oferecer uma compreensão sobre o papel dos grupos teatrais na escola; como são organizados o PDE e o GTR; como se constitui a ADD a partir dos estudos de Bakhtin e o Círculo; as análises efetuadas para este estudo, bem como, a apresentação das conclusões obtidas pelo mesmo. Além das teorias de Bakhtin e o Círculo, foram mobilizados para fundamentar esta pesquisa, no que se refere ao campo dos estudos teatrais e o Teatro na Educação, as contribuições dos pesquisadores: Jean-Pierre Ryngaert e Gilberto Icle.

Acredito que esta pesquisa possa revelar, a partir dos discursos dos professores orientadores de grupo teatral na escola, algumas conclusões sobre aspectos significativos produzidos a partir dos discursos de “outros”, revelar sobre metodologias, práticas e objetivos presentes no ensino do teatro em um grupo teatral, revelar muito sobre o cotidiano e a cultura presentes nestas atividades e, fundamentalmente, sobre as atividades diferenciadas presentes no trabalho com um grupo teatral, que muitas vezes não são possíveis no trabalho com o conhecimento teatral, quando este é desenvolvido por meio de aulas, na disciplina de Arte, na matriz curricular.

2. Os grupos teatrais na escola e os professores orientadores

Por meio das pesquisas feitas em função do PDE e também para a escrita deste texto, pude identificar que a existência de um grupo teatral nas instituições de ensino é recorrente no cotidiano das escolas de Educação Básica do Paraná e, como dissemos anteriormente, um olhar atento sobre as atividades e processos de trabalho destes grupos teatrais pode revelar muito sobre um cotidiano e cultura escolares, repletos de sentidos, presentes neste contexto.

Frequentemente as escolas se interessam em proporcionar tal atividade, por vezes, no intuito de projetar para a sociedade uma imagem positiva referente às práticas culturais e artísticas ali existentes e/ou atender as demandas sociais e expectativas da comunidade escolar, que espera que a escola ofereça atividades, sejam elas quais forem, mais que possam ocupar o tempo “ocioso” dos filhos, afastando-os “das ruas”, das drogas, entre outros perigos e vulnerabilidades sociais, os quais seus filhos possam estar expostos em seu tempo fora da escola.

Os governos, por vezes subsidiam tais práticas, de forma a promover a ampliação do período de permanência dos alunos, (educação em tempo integral), ou com a finalidade de atender a demanda da sociedade em geral, que espera da escola o acolhimento dos alunos, em seu tempo ocioso, pelos mesmos motivos apontados acima. Tais atividades, são realizadas em caráter de contra turno em muitas escolas estaduais do Paraná.

Desta forma, cabe ao professor, seja formado em Arte ou não, fomentar, orientar, organizar e manter um grupo de teatro na escola. Este profissional cumpre esta atividade dispondo, muitas vezes, apenas de “boa vontade” e de sua intuição, por não possuir a formação adequada e necessária para exercer o papel de professor/ orientador de grupo teatral na escola. Muitos professores com carga horária incompleta em sua área de formação inicial, também, são destinados a assumirem aulas e projetos de contra turno com atividades de teatro.

O discurso do professor, e neste caso, do professor orientador de grupo teatral na escola, está repleto do discurso de outros, e esses discursos se efetivam nas práticas pedagógicas orientadas por ele com seus alunos, ou seja, a prática desses profissionais reflete e/ou reproduz, reinterpreta o que outros professores também enunciam e praticam, o que por sua vez pode ter origem em teorias formuladas por pesquisadores e especialistas na área do ensino de teatro, de origem intuitiva e experimental, ou ainda, a partir de suas leituras e estudos.

Na medida em que o investigador torna-se testemunha sensível das ações e imagens que se constroem e se desfazem diante dele, vivencia momentos ímpares, penetrando efetivamente na dinâmica da ação criativa. E aqui, [...] lembramos

Brook, seu interesse pela “forma inacabada”, pela ação propositadamente “não polida”, como estratégia da construção do elo mágico entre o círculo da ação e o círculo da recepção. (ISAACSSON, 2006. p. 84)

Conhecer o que pensam estes profissionais da educação sobre seu trabalho com o teatro nos projetos de contra turno é uma das motivações que impulsionaram a presente pesquisa. Ouvir e analisar os discursos dos professores orientadores de grupo teatral na escola pode contribuir para revelar a diversidade de manifestações da cultura, presentes na escola, além de contribuir no processo de compreensão da importância de promoção deste tipo de atividade na escola.

3. O Programa de desenvolvimento educacional - PDE e o Grupo de Trabalho em Rede - GTR

A pesquisa mobilizada para a escrita deste artigo foi desenvolvida durante o Grupo de trabalho em rede – GTR, parte integrante do processo de formação continuada denominado Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE.

O PDE é um programa de formação continuada oferecido pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED), que iniciou suas atividades no ano de 2007, e visa proporcionar formação continuada aos profissionais da educação, objetivando promover melhoria na qualidade da educação oferecida nas escolas de Educação Básica da rede pública paranaense, além de viabilizar progressões na carreira, previstas no plano de cargos e salários dos profissionais da educação do Paraná.

O PDE é composto por um conjunto de atividades obrigatórias, previstas e organizadas de modo a promover a formação continuada dos profissionais (professores e pedagogos), por meio do contato destes com Instituições de Ensino Superior (IES) públicas Estaduais e Federais do Paraná.

Os profissionais classificados e selecionados para o PDE são afastados de suas funções docentes por um período de dois anos, tempo de duração total do programa, no qual estes profissionais participam de processos de formação continuada relacionados à: formação tecnológica, seminários integradores, atividades de inserção acadêmica e formação continuada à distância, dentre os processos de formação à distância, destacamos aqui, os Grupos de Trabalho em Rede ou GTR.

Os Grupos de Trabalho em Rede – GTR constituem uma atividade do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, que se caracteriza pela interação virtual entre os Professores PDE e os demais professores da Rede Pública Estadual. Seus

objetivos são: possibilitar novas alternativas de formação continuada para os professores da Rede Pública Estadual; viabilizar mais um espaço de estudo e discussão sobre as especificidades da realidade escolar; incentivar o aprofundamento teórico-metodológico nas áreas de conhecimento, através da troca de ideias e experiências sobre as áreas curriculares; socializar o Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola elaborado pelo Professor PDE com os demais professores da Rede. (PARANÁ, 2008, p.03).

Desta forma, o GTR se constitui de um grupo de profissionais da educação, que se inscreve antecipadamente para um dos grupos disponíveis para sua área de formação inicial, a partir das diversas temáticas de discussão elaboradas pelos **tutores do GTR**¹ naquele ano. Cada GTR é composto de, no máximo, vinte cursistas. A partir de um dos fóruns mediados por mim, foram selecionados os enunciados para compor as análises dos discursos para este artigo.

4. Bakhtin e o Círculo e a Análise dialógica do discurso – ADD

Para a análise dos enunciados, coletados durante o GTR, foi mobilizada a teoria da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada nos estudos de Mikhail Bakhtin e o Círculo. As teorias de Mikhail Bakhtin (1895 – 1975) e o Círculo vêm despertando grande interesse e atenção, não somente no campo da linguística, como também em outras áreas do conhecimento, por sua abrangência e flexibilidade, como é o caso dos estudos teatrais.

Em cada enunciado – da réplica monovocal do cotidiano às grandes e complexas obras de ciência ou de literatura – abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras. Imaginamos o que o falante *quer dizer*, e com essa ideia verbalizada, essa vontade verbalizada (como a entendemos) é que medimos a conclusibilidade do enunciado. (BAKHTIN, 2011, p. 281).

Bakhtin e o Círculo, como se convencionou chamar, trata-se de um grupo de pensadores e intelectuais, de diversas formações e interesses, que refletiram e produziram sobre estudos discursivos entre 1920 e 1930. Entre suas contribuições, estão produções filosóficas sobre a linguagem, o sujeito, suas relações com a sociedade, consciência, comunicação, cultura, ética, estética, interação e especialmente sobre a análise da recepção da palavra alheia.

Para Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 – 1975), são as relações com os outros, em caráter dialógico, que nos constituem, e os discursos só existem porque existem outros discursos que os constituem e assim por diante. Desta forma, a interação verbal é a categoria básica na

¹ Os tutores do GTR são os próprios professores participantes do PDE.

concepção de linguagem para Bakhtin e o Círculo, sendo que nenhum enunciado é sozinho, pois compõe com os enunciados anteriores e posteriores uma elaborada cadeia dialógica, discursos.

Em um mundo mediado pela linguagem, considerar a esfera onde os enunciados são constituídos e estão inseridos é de fundamental importância para analisar e compreender tais discursos. Ao falarmos, nossos enunciados são constituídos pela esfera onde estes são produzidos, desta forma, os moldados a um determinado gênero discursivo o qual se faça adequado, exigido ou necessário aquela determinada esfera, sendo que a diversidade dos gêneros do discurso é imensa, Bakhtin nos apresenta uma proposta de estudo dos gêneros discursivos.

Desta forma, a teoria dos Gêneros do Discurso em Bakhtin e o Círculo, pode oferecer as bases para se analisar e compreender os discursos na esfera onde foram produzidos, neste caso, a esfera virtual, onde os enunciados aqui analisados foram constituídos. A esfera virtual é composta por páginas da Internet, blogs, redes sociais, ambientes virtuais de aprendizagem, entre outros.

De acordo com Machado (2014) “... os gêneros discursivos incluem toda sorte de diálogos cotidianos bem como enunciações da vida pública, institucional, artística, científica e filosófica”. (MACHADO, 2014, p. 155). Desta forma, apoiado neste gênero secundário da comunicação cultural organizada escrita, será possível adentrar na esfera virtual e, a partir da teoria da análise dialógica do discurso, elaborar com base nos enunciados transcritos a partir do fórum do GTR, interpretações sobre o que dizem os professores orientadores.

Neste sentido, é muito importante o papel do analista pesquisador pois, segundo Bakhtin tanto a esfera, quanto o interlocutor a quem se destina o discurso, são essenciais para uma análise. De acordo com BAKHTIN [VOLOCHÍNOV].

Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico: narrativa, processos legais, polêmica científica, etc. Além disso, a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014, p. 152).

Assim, a análise dialógica do discurso apontada aqui, se constitui na atribuição de sentidos às enunciações dos sujeitos participantes da pesquisa, quando tratam de suas atividades docentes

com o teatro na escola, buscando, a partir de suas práticas, rotinas e procedimentos a compreensão sobre aspectos dos processos de apreensão do conhecimento e cultura, presentes no ambiente escolar.

5. O que dizem os professores orientadores de grupo teatral na escola

As análises, apresentadas a seguir, foram elaboradas a partir dos enunciados de professores participantes do GTR “**Orientações ao organizador de grupo teatral na escola**”, realizado entre os meses de agosto e dezembro de 2015, que contou com vinte participantes. O GTR foi organizado em três módulos, com quatorze atividades distribuídas em forma de fóruns, diários e glossários.

Nos fóruns, ocorreram muitas interações entre os participantes, propiciando diversas trocas de experiências, discussões e debates sobre os temas propostos. Dentre os fóruns disponibilizados, a coleta de dados ocorreu no fórum denominado “relacionando teoria e prática”, no primeiro módulo.

A partir da totalidade dos enunciados do GTR, foi possível identificar muitas questões diagnósticas referentes à formação, atuação, objetivos, métodos de trabalho, etc., dos professores orientadores de grupos teatrais na escola. Dentre a totalidade dos participantes, onze possuíam formação inicial em teatro, sete deles (as) são ou foram orientadores (as) de grupo teatral em sua escola. Dos (as) participantes formados (as) em teatro, apenas cinco eram orientadores (as) e dos (das) que não possuíam formação inicial, três orientavam um grupo teatral na escola.

Para a seleção dos enunciados dos participantes do GTR para esta análise, foi utilizado o seguinte critério: ser ou ter sido orientador de grupo teatral na escola, independentemente de sua formação inicial e, também, ministrar aulas da disciplina de Arte no currículo regular. Desta forma, foram selecionados para esta análise, três enunciados, um de cada participante do GTR.

As identidades dos professores participantes, bem como de suas respectivas escolas não serão reveladas. Desta forma, serão utilizados nomes fictícios, de maneira a preservar o anonimato e evitar a exposição desnecessária dos sujeitos. As transcrições feitas para a análise são fieis a ordem de postagem no fórum e preservam a grafia original do texto registrado no referido fórum. A questão proposta no fórum e que originou esta coleta de dados, a partir dos enunciados, foi a seguinte:

Fórum relacionando teoria e prática: “Você atua ou já atuou como professora (or) /orientadora (or) de algum grupo de teatro em sua escola? Você percebe diferenças e semelhanças entre o trabalho com o teatro na disciplina de Arte, na matriz curricular, e na (s) atividade (s) complementar (es) de contra turno? Quais são? Caso nunca tenha atuado como organizador (a) de grupo teatral na escola, relate como você aborda o teatro em suas aulas na disciplina da matriz curricular”.

O primeiro enunciado analisado, nesta pesquisa foi o de Olga, que apresenta em seu enunciado as principais diferenças entre suas atividades com o teatro, desenvolvidas na disciplina curricular na escola, onde atua como professora, e o projeto de contra turno com um grupo teatral na escola, onde atua como professora orientadora:

Enunciado 01 - Olga.

“Com certeza percebo diferenças do teatro trabalhado na disciplina de Arte em sala de aula, para o trabalhado no contra turno. Na disciplina de Arte temos que desenvolver as atividades com a turma inteira e muitos dos alunos impõe resistência à elas. Temos alunos tímidos, outros com pré-conceitos sobre a atividade teatral e ainda os traumatizados por professores anteriores que não sabiam trabalhar teatro devidamente. Já o trabalho desenvolvido no contraturno é com alunos que gostam de teatro, querem estar ali e se dispõe a participar de todas as atividades solicitadas. O professor tem mais liberdade e o aluno interesse”.

Olga relata em seu comentário que percebe diferenças entre o trabalho com o teatro na disciplina de Arte e a atividade de contra turno, segundo seu enunciado, no primeiro caso ela enfrenta resistência por parte dos alunos, bem como, encontra alunos traumatizados por professores anteriores. Podemos observar em seguida, em seu enunciado, que ela atribui tais “traumas” e preconceitos ao fato destes professores não saberem trabalhar o teatro devidamente.

O que Olga explicita em seu enunciado poderia ser analisado como uma crítica aos profissionais sem formação específica, que atuam com o ensino de teatro na escola, bem como, aqueles professores que mesmo formados na área, não desenvolvem a contento, segundo ela, seu trabalho com o teatro na educação.

Neste enunciado de Olga, está presente seu juízo de valor, estabelecendo o que seriam professores que “não sabiam trabalhar teatro devidamente”. Neste sentido, podemos nos interrogar, sobre o que seria saber trabalhar com o teatro devidamente? Quais seriam os objetivos, metodologias e critérios de avaliação para abordar e verificar a aprendizagem, no

caso de um grupo teatral na escola? Sobre o papel do formador teatral e o conhecimento teatral na perspectiva de aprendizagem, Ryngaert (2009) discorre:

A intervenção do formador é delicada. Fala-se com frequência da teatralização ou do acesso aos códigos culturais que permitiriam aos jogadores avançar na aprendizagem e desenvolver a capacidade de jogo. Nessa perspectiva, trata-se antes de uma transmissão de conhecimentos. (RYNGAERT, 2009, p. 103).

O autor, discute sobre o delicado papel do formador e sua função, ao que denomina transmissão de conhecimentos, entendido como teatralização ou acesso aos códigos culturais. Podemos perceber a preocupação de Ryngaert em relação aos métodos ou “receitas pré-concebidas” para o ensino do teatro, pois, ainda de acordo com Ryngaert (2009) “Um trabalho criativo não é nem um trabalho em que os participantes estão entregues a si mesmo, tampouco um trabalho no qual eles são submetidos a diretivas muito estritas”. (RYNGAERT, 2009. p. 189).

Concordamos com Ryngaert, em relação a não impor regras muito estritas, que não admitem desvios no trabalho com o teatro, quando se está à frente de um grupo teatral com características de atividade de complementação curricular, como é o caso das atividades complementares de contra turno, que são mais independentes. Porém, ao tratarmos do ensino de teatro, inserido no currículo escolar, em forma de componente curricular, a de se observar as diretrizes específicas para a escolha de conteúdos, bem como, metodologias de ensino, existentes, de acordo com cada sistema de ensino e escola.

Ainda sobre o enunciado de Olga, podemos depreender sentidos sobre sua opinião a respeito das atividades em contra turno, segundo ela: “... nesta modalidade, os alunos gostam de teatro e querem estar ali, participam de todas as atividades, o professor tem mais liberdade e o aluno interesse”.

Olga demonstra, em seu comentário sobre a atividade em contra turno, mesmo que de forma subjetiva, sua satisfação, quando fala sobre a liberdade que exerce enquanto atua como orientadora do grupo teatral em sua escola, ao contrário da demonstração de frustração expressada por Olga ao detalhar seu trabalho na disciplina de Arte, com o teatro.

Na sequência, trazemos para dialogar sobre este assunto, um novo enunciado, que apresenta a descrição de um encaminhamento metodológico utilizado em seu trabalho como professor orientador de grupo teatral na escola, bem como, seus procedimentos com o ensino de teatro na disciplina de Arte.

Enunciado 02 – Giorgio.

“Trabalhei com um grupo pequeno ano passado (no contra turno) eram ótimos, interessados, entrosados, cada um tinha função específica, quando eu chegava era só para dar alguns toques (fale mais alto, de vagar, de frente para o público ou dar ideias de cenário). Mas trabalhar com uma turma é diferente, pois nem todos querem participar e se você deixa um de fora, logo, logo outros também querem ficar de fora, ou então, demoram para se entrosar, acham que é brincadeira, fazem as atividades rindo, sem compromisso. E por conta disto, que em algumas turmas, quando percebo que nem os jogos teatrais, vou poder trabalhar, fico apenas com a parte teórica e apresentação de vídeos”.

Em seu enunciado, Giorgio fala sobre como seus alunos, numa turma regular, demonstram desinteresse nas propostas de trabalho, falta de compromisso, seriedade, sua dificuldade em promover a participação espontânea dos alunos nas atividades, e que, por conta disto seu trabalho com os conhecimentos de teatro são apenas teóricos e apresentados por meio de vídeos.

No enunciado de Giorgio, é possível identificar, assim como no enunciado de Olga, a presença de um “desapontamento”, ao descrever sua atuação junto a disciplina de Arte. Fica evidente o caráter de “obrigatoriedade”, com o qual os conteúdos e atividades teatrais são tratados em suas aulas, bem como, suas alternativas para “driblar” tal situação: a utilização de vídeos, os quais não fica claro qual seja seu conteúdo. Giorgio, ainda cita como estratégia utilizada com a turma regular, a exclusão das atividades práticas, em prol do trabalho essencialmente teórico. Ele, também, destaca sua preferência em relação às atividades de contra turno e descreve os alunos com adjetivos, como: ótimos, interessados, entrosados. Segundo ele, seu trabalho com o grupo se resumia a: “... dar alguns toques (fale mais alto, de vagar, de frente para o público ou dar ideias de cenário) ”.

Porém, podemos perceber neste fragmento de seu enunciado, a demonstração de um papel pouco atuante em relação à introdução de conceitos, conhecimentos, em seu trabalho docente, pois sua intervenção é a de apenas “dar alguns toques”, fato que reforça a tese da existência no ambiente escolar da “crença no dom nato” que alguns alunos possam possuir e que não demandaria do professor a preocupação em apresentar conceitos e conhecimentos, pois o aluno já teria os assimilado, anteriormente á escolarização.

Muitos professores reproduzem um discurso do senso comum, na sociedade, que afirma que simplesmente algumas pessoas “já nascem sabendo”, e que não seria necessário, a estas

peessoas, submeter-se ao processo de aprendizagem de alguns campos do conhecimento, neste caso, a arte.

O discurso dentro do discurso de Giorgio - ou seja, o discurso do outro - é proveniente do senso comum, segundo este discurso assimilado por Giorgio e incorporado a sua práxis docentes, quando se está diante de alunos “talentosos”, não há muito mais a se fazer, restando ao professor orientador, “dar alguns toques”. Icle (2002) discute, com seus argumentos, esta questão:

Muitos processos de ensino-aprendizagem nas escolas ou em outros espaços pedagógicos refletem esta falta de conhecimento a respeito da arte do ator. A valorização do chamado talento como sendo o único valor nas aulas de teatro, dentro da disciplina de Educação Artística ou em oficinas livres, ainda é o tom principal praticado em muitos casos por profissionais reconhecidos tanto pelo senso comum quanto pelo meio acadêmico. (ICLE, 2002, p. 30).

No entanto, para evitar este tipo de abordagem, a partir da valorização pelo talento, seria necessário discutir caminhos para determinar objetivos num processo de trabalho com o teatro na escola. Neste sentido, convidamos para participar deste diálogo Santos; Splitzer, (2012), que nos apresentam alguns possíveis objetivos do teatro na escola, dos quais, destacam a o fomento à experiência teatral:

... é essencial, nas escolas, a promoção da experiência teatral (no fazer e no apreciar teatro) de qualidade, instância privilegiada de interação dos jovens e adultos com os aspectos lúdicos, estéticos e éticos do teatro, capaz de propiciar-lhes a ampliação das suas concepções sobre o mundo e a conscientização das possibilidades transformadoras das suas ações. (SANTOS; SPLITZER, 2012, p. 43).

No intuito de ampliar as discussões sobre o que dizem os professores orientadores de grupos teatrais na escola, trazemos o terceiro e último enunciado para esta análise dialógica do discurso. Trata-se do enunciado de Gerald.

Enunciado 03 - Gerald

“No processo de grupo teatral primeiramente o interesse dos alunos é mais voltado para uma prática teatral, querem vivenciar essa experiência, fazer jogos dramáticos e teatrais, improvisações, leituras de texto e até uma possível apresentação [...]. Já o teatro dentro da sala de aula, como conteúdo de Arte, fica restrita a um curto prazo de tempo, [...] temos duas aulas semanais de 50 minutos em que precisamos arrumar as carteiras para a prática e deixar a sala como estava antes, diante disso a prática teatral vem a se tornar rasa, superficial, apenas como uma demonstração [...] Certamente a experiência teatral no contra turno é mais válida, participa quem quer, tem um tempo bom reservado apenas para isso e a fruição com certeza irá acontecer”.

A partir deste enunciado revelador de Gerald, identificamos a possibilidade de estabelecermos diversas análises, relacionadas à importância da prática teatral e do tempo de duração nas atividades de um grupo teatral, e em contrapartida, Gerald se refere à prática do teatro na disciplina de Arte, utilizando os adjetivos: rasa e superficial, qualidade que atribui devido ao pouco tempo de duração (50 minutos) da aula, bem como, a dificuldade de organização do espaço para as aulas “... precisamos arrumar as carteiras para a prática e deixar a sala como estava antes...”.

No enunciado de Gerald, percebemos ainda, o caráter de não obrigatoriedade de participação, presente nas atividades com o grupo teatral, bem como, a afirmação de que o tempo dispensado para tal atividades é suficiente “... tem um tempo bom reservado apenas para isso...”. Gerald em seu enunciado, ainda, afirma que em decorrência desse tempo “... a fruição com certeza irá acontecer.”.

Acreditamos que o caráter pedagógico, presente nas atividades teatrais na escola, seja na disciplina de Arte ou na atividade do grupo teatral, independe dos processos de didatização, intrínsecos a qualquer processo de escolarização, trata-se, sobretudo de propiciar a vivência artística aos alunos, desta forma, trazemos, para dialogar com este enunciado Desgranges (2006):

O valor educacional presente nessas práticas, ressalte-se, precisa ser compreendido a partir do relevante caráter pedagógico intrínseco à própria experiência teatral. Assim, o teatro quando adentra a instituição educacional, não precisa, e não deve ser, um teatro “escolarizado”, “didatizado”, para que tenha importância educacional; ao contrário, deve ser preservado em sua potencialidade, pois seu principal vigor pedagógico está no caráter artístico que lhe é inerente (DESGRANGES, 2006, p. 91).

Concordamos com Desgranges, ao defender que seja preservado o teatro em seu vigor inerente, enquanto potencialidade artístico na escola. Ainda, sobre o enunciado de Gerald, podemos fazer uma observação, em relação a sua afirmação de que o tempo reservado para a realização das atividades no grupo teatral é suficiente, pois não podemos mensurar ou compará-lo, pois Gerald não menciona em seu enunciado qual é a duração dos encontros do grupo teatral.

Desta forma, para concluir esta parte do texto que trata das análises, aponto para uma necessária e urgente revisão das metodologias empregadas nos processos de ensino “formal”, ou seja, curricular, que ao que tudo indica, nesta pesquisa, parecem não ser tão significativos

no processo de construção de conhecimento para os alunos, quanto a efetiva participação dos mesmos em um processo criativo a partir de um grupo teatral na escola.

6. Conclusões (alguns acabamentos)

O presente estudo se preocupou em ouvir e analisar os enunciados de professores orientadores de grupo teatral na escola, por meio de análise dialógica do discurso, a partir de suas respostas a uma questão postada num fórum do GTR. Nesta análise, buscou-se dar voz ao que enunciam os professores sobre suas práticas com o trabalho junto ao grupo teatral na escola, bem como, seu trabalho com o teatro na disciplina de Arte do currículo.

A partir dos enunciados analisados, podemos fazer alguns apontamentos, anteriores a qualquer conclusão a que se possa chegar (fazer), por meio deste estudo. Inicialmente, podemos identificar que existem diferenças sobre a atuação do professor orientador num grupo teatral e sua atuação na disciplina curricular.

Para que possamos visualizar melhor estas diferenças, segue abaixo um quadro que explicita alguns dos resultados obtidos por meio desta pesquisa, em relação ao que dizem os enunciados dos professores sobre suas aulas de teatro na disciplina Arte/ curricular e sobre sua atuação como orientador, junto a um grupo teatral na escola/ extracurricular.

Aulas de teatro na disciplina Arte/ curricular	Grupo teatral na escola/ extracurricular
Obrigatoriedade de participação nas aulas.	Liberdade, disponibilidade e o desejo de participação nos encontros.
Falta de interesse e resistência.	Disponibilidade e participação.
Teoria nas aulas.	Prática teatral: jogos, improvisações, leitura de textos e apresentação.
Aulas mais expositivas e vídeos.	Aulas mais práticas.
Falta tempo suficiente.	Tempo bom reservado.
Controle.	Autonomia.

Entre as possíveis diferenças destacadas, foram relacionadas pelos sujeitos da pesquisa, em seus enunciados: a obrigatoriedade de participação dos alunos, bem como sua resistência às aulas da matriz curricular versus a liberdade, disponibilidade e o desejo de participação dos

alunos em um grupo teatral, além da supremacia da teoria nas aulas na disciplina de Artes versus aulas práticas no grupo teatral.

Nossas primeiras conclusões sobre a análise efetuada, apontam na direção da elaboração de estudos complementares sobre como a abordagem dos conhecimentos teatrais na educação, pode ter um papel muito mais significativo para os alunos, bem como, garantir mais efetividade do processo de ensino, se desenvolvido no contexto de um grupo teatral na escola, na perspectiva de um processo criativo, seja visando uma montagem/ apresentação teatral, ou não.

Dos enunciados dos três professores orientadores de grupo teatral na escola, analisados para esta pesquisa, podemos observar, que na totalidade, os sujeitos da pesquisa, afirmam que no ambiente do grupo teatral é possível trabalhar com os conhecimentos de teatro numa perspectiva pedagógica mais adequada e eficiente, enquanto que os mesmos três sujeitos, a partir de seus enunciados corroboram a ideia de que existe uma maior dificuldade no trabalho com conhecimentos teatrais na disciplina de Arte, na matriz curricular, a partir dos seus argumentos.

Os resultados desta pesquisa, ao apontarem que o trabalho a partir de um grupo teatral na escola pode ser mais efetivo do ponto de vista da aprendizagem, reforçam o papel do orientador do grupo e a importância de possibilitar aos alunos participantes experiências artísticas por meio dos processos criativos, como aponta Icle (2002):

O teatro, em qualquer contexto, poderia assegurar ao indivíduo e ao grupo a possibilidade de um processo construído a partir das experiências dos sujeitos, na eminência de ser o resultado da interação de princípios comuns em realidades particulares. (ICLE, 2002, p. 34).

No entanto, não defendo aqui a existência de apenas uma única maneira ou método de ensino do teatro na escola. Defendo sim, a necessária preparação das escolas e dos professores que irão mediar essas atividades com seus alunos. É necessário rever constantemente os processos de ensino-aprendizagem e estar atento às transformações por que passam o teatro na sociedade. Ainda de acordo com Icle (2002).

A arte é dinâmica e os procedimentos artísticos se revisam cada vez mais rápidos. Muitos professores de teatro, no entanto, continuam a praticar **fórmulas** em sala de aula, que nada têm de semelhante com as práticas teatrais contemporâneas ou, pior ainda, não encontram base em nenhum princípio teatral. (ICLE, 2002, p. 31).

O pesquisador Gilberto Icle, ainda nos dá mais uma contribuição, ao pensar e caracterizar o professor de Arte/ teatro, aponta um possível perfil para aqueles professores que se propõem em trabalhar com o teatro com seus alunos: O professor-artista.

Proponho pensar o professor não mais como alguém que ensina teatro, mas como alguém que cria, que pesquisa, que inventa, alguém que não deixa de ser ator ou diretor ao trabalhar com seus alunos. Isso pode fazer aparecer um novo modelo para essa sala de aula: o professor-artista. (ICLE, 2010, p. 145).

Seria um equívoco, além de excessiva pretensão de minha parte, generalizar este estudo e suas conclusões à toda e qualquer iniciativa de ensino que aborde o teatro na perspectiva de trabalho num grupo teatral, porém, é inegável que temos subsídios teóricos e pesquisas, além desta, que apontam na mesma direção, ou seja, para um repensar da organização dos tempos e espaços escolares, na tentativa que atribuir sentido, contexto e significado ao que os alunos aprenderão na escola.

Portanto nesta conclusão, destaco a necessidade de promover a elaboração de amplos estudos sobre esta temática, que podem revelar aspectos importantes e significativos para a compreensão das relações existentes entre os sujeitos da educação, professores e alunos, bem como, seu objeto a partir da esfera educativa, bem como, para que se possa desenvolver novas pesquisas a partir destas, e assim por diante, como muito bem, argumenta Amorim (2001):

Toda pesquisa só tem um começo depois do fim. Dizendo melhor, é impossível saber quando e onde começa um processo de reflexão. Porém, uma vez terminado, é possível ressignificar o que veio antes e tentar ver indícios no que ainda não era e que passou a ser. (AMORIM, 2001, p. 11).

E para finalizar esta pesquisa, é preciso que fique claro que as análises, aqui elaboradas não tem a pretensão de esgotar todas as possibilidades e potencialidades de interpretação a que tais enunciados estão sujeitos, trato aqui pois de apresentar a visão a partir de um único analista, que possui seus próprios referenciais de análise, visão crítica e de mundo, ponto de vista e ocupa um determinado lugar, de onde fala e de onde vê. Pois segundo Bakhtin (2010):

Não tenho álibi na existência: ser na vida significa agir – eu não posso não agir, eu não posso não ser participante da vida real. E essa obrigação decorre de eu ser único e ocupar um lugar único: ocupo no existir singular um lugar único, irrepetível, insubstituível e esse fato me obriga a realizar minha singularidade peculiar: tudo o que pode ser feito por mim não poderá nunca ser feito por ninguém mais, nunca. (BAKHTIN, 2010, p. 154)

Referências:

- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2001.
- BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. M. [VOLOCHÍNOV, V. N.]. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 16ª ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
- ICLE, Gilberto. **Pedagogia da Arte: entre-lugares da criação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.
- _____. Problemas teatrais na educação escolarizada: existem conteúdos em teatro? In: **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 17, p.71-77, set. 2011.
- _____. **Teatro e construção de conhecimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- ISAACSSON, Marta. O desafio de pesquisar o processo criador do ator. In: CARREIRA, André. (org.). **Metodologias de pesquisa em artes cênicas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 82 – 88.
- MACHADO Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 151 – 166.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. **Tutorial professor-tutor: ambiente virtual E-Escola/ Secretaria de Estado da Educação**. Superintendência da Educação. Diretoria de Tecnologias Educacionais. – Curitiba: SEED – PR., 2008.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Jogar, representar: práticas dramáticas e formação**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- SANTOS, Vera L. Bertoni dos; SPLITZER, Mirna. **Teatro com jovens e adultos: princípios e práticas**. Porto Alegre: Mediação, 2012.